ANÁLISE DA ASSOCIAÇÃO ENTRE CONSUMO ALIMENTAR E ADEÇÃO A UM PROGRAMA DE COMPOSTAGEM DOMÉSTICA

Mariana de C. Chaves*, Luana R. do V. e Garcia, Ana P. Bortoleto, Larissa M. Hara, Ligiana P. Corona

Resumo

Trata-se de um estudo de intervenção (ensaio) com 10 famílias do município de Campinas (SP) divididas igualmente em divididas em 2 grupos: controle e intervenção. O consumo alimentar foi avaliado através de: Questionário de Frequência Alimentar (QFA), Diário Alimentar de 3 dias não consecutivos, sendo 1 dia do fim de semana e Lista de Compras. Os itens do QFA foram classificados segundo o Guia Alimentar para População Brasileira: in natura, minimamente processados, processados, ultraprocessados, e óleos, gorduras, sal e açúcar (OGSA). A frequência de consumo dos itens foi padronizada em quantidade semanal e as diferenças entre antes e depois dos grupos foram analisadas pelo software Stata® versão 12, utilizando teste t-student pareado, com significância de 5%. Não foi possível realizar análise estatística dos dados do Diário Alimentar e da Lista de Compras pois não houve adesão de todas as famílias às ferramentas.

Palavras-chave:

Transição nutricional, comportamento alimentar, compostagem doméstica.

Introdução

O perfil nutricional dietético brasileiro sofreu diversas alterações nas últimas décadas. Aumento do consumo de alimentos processados e ultraprocessados em detrimento dos alimentos *in natura* e minimamente processados (SOUZA et al., 2013), e aumento das prevalências de sobrepeso e obesidade (BATISTA FILHO & RISSIN, 2003). Acompanhando os processos de urbanização e desenvolvimento tecnológico, a geração de resíduos sólidos no país aumentou ao longo dos anos (0,96kg/habitante) e 41,6% são descartados inadequadamente (ABRELPE, 2014).

A compostagem doméstica surge como alternativa de descarte sustentável para os resíduos orgânicos produzidos no domicílio. O objetivo foi avaliar se houve mudanças no consumo alimentar após a adesão ao programa de compostagem.

Resultados e Discussão

Algumas famílias apresentaram variações na frequência de consumo de alguns itens do QFA, como aumento do consumo de queijos brancos, amarelos, e maionese e molhos de salada prontos em ambos os grupos. Entretanto, não observou-se diferença estatística pré e pós intervenção nos grupos conjuntos ou separados.

Tabela 1. Análise estatística dos grupos controle e intervenção conjuntos antes e após a intervenção.

Alimentos	Pré	Pós	p
<i>In natura</i>	5,64	4,51	0,77
Minimamente processados	5,85	4,56	0,74
Processados	2,11	1,83	0,34
Ultraprocessados	3,65	3,23	0,38
OGSA	5,56	1,98	0,40

Diversas possibilidades podem justificar a baixa significância estatística, o restrito tamanho da amostra, as ferramentas de avaliação, o curto período de acompanhamento do estudo e a não intervenção ou orientação nutricional.

Tabela 2. Análise estatística dos grupos controle e intervenção separados antes e após a intervenção

Alimentos	Controle			Intervenção		
	Pré	Pós	p	Pré	Pós	p
<i>In natura</i>	9,58	8,04	0,11	3,80	4,34	0,32
Minimamente processados	11,96	7,61	0,84	2,98	5,82	0,79
Processados	2,19	1,71	0,22	3,75	1,88	0,12
Ultra processados	3,60	3,97	0,91	6,03	5,11	0,28
OGSA	10,75	2,68	0,48	4,14	3,21	0,76

Há evidências científicas demonstrando que manter o ambiente “neutro” sem alterações, como posposto no projeto, resulta em escolhas alimentares semelhantes às de ambientes “não saudáveis” (MOLLEN et al., 2013). A partir da orientação nutricional é possível estimular mudanças alimentares para um bom estado de saúde (FERREIRA, 2007).

Conclusões

Há pouca produção científica investigando a relação de comportamentos pró-ambientais e comportamento alimentar. Entretanto, já existem alguns avanços no entendimento da interferência de outros aspectos além dos tradicionais associados à saúde, como ambiente social. Atividades de educação nutricional ainda são os métodos mais utilizados para uma reeducação alimentar permanente. Mais estudos são necessários para avaliar o impacto de diferentes variáveis no padrão alimentar.

Agradecimentos

Agradeço ao PIBIC/CNPq pela disponibilização da bolsa, permitindo a realização do projeto.

SOUZA, A. de M.; PEREIRA, R.A.; YOKOO, E.B.; SICHIERI, R. Alimentos mais consumidos no Brasil: Inquérito Nacional de Alimentação 2008-2009. *Rev. Saúde Pública*, São Paulo, v. 47, n. 1, p. 190-199, 2013.

BATISTA FILHO, M.; RISSIN, A. A transição nutricional no Brasil: tendências regionais e temporais. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 181-191, 2003.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DAS EMPRESAS DE LIMPEZA PÚBLICA – ABRELPE. *Panorama dos Resíduos Sólidos no Brasil 2014*. 2014.

FERREIRA, V.A.; MAGALHÃES, R. Nutrição e Promoção da Saúde: Perspectivas Atuais. *Cad. Saúde Pública*, v. 23, n. 7, p. 1674-1681, 2007.

MOLLEN, S., et al. Healthy and unhealthy social norms and food selection. Findings from a field-experiment. *Appetite*, v. 65, p. 83-89, 2013.